MELONI, VON DER LEYEN E TRUMP: QUANDO A EUROPA SE ROMPE SOB A PRESSÃO AMERICANA

*Por Angélique Bouchard**

Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Donald Trump expõe as divisões da Europa, contrastando a tecnocrata Ursula von der Leyen com a nacionalista Giorgia Meloni, resultando numa Europa fragmentada e com legitimidade questionável, sob a orquestração dos EUA.

URSULA E A ILUSÃO EUROPEIA

Vejamos então o que aconteceu em Washington. Donald Trump, de volta à Casa Branca, reuniu à sua volta Ursula von der Leyen, Emmanuel Macron, Keir Starmer e Friedrich Merz. A nata da Europa. E o que Trump disse? "*Você é mais poderosa do que todos os homens ao redor desta mesa.*"

É uma frase curta, quase uma piada. Mas, na verdade, é um míssil diplomático. Porque, em um segundo, Trump resumiu a Europa como ela é hoje.

O verdadeiro poder não reside mais nas capitais. Nem em Paris. Nem em Berlim. Nem em Londres. Não, ele está concentrado em um prédio de vidro e aço em Bruxelas: o Berlaymont. Onde fica a Comissão Europeia. Onde Ursula von der Leyen assina sanções, fecha mercados e negocia com Washington.

E sejamos honestos: Trump está certo. Líderes nacionais? Meros figurantes. Gerentes. Comunicadores. Enquanto Ursula — uma presidente que ninguém elegeu diretamente — detém as chaves da Europa.

Mas aqui está o problema: a União Europeia se gaba de ser um modelo democrático. E, no entanto, a figura mais poderosa do continente não é eleita pelo voto popular. Ela é escolhida nos corredores, por meio de um acordo entre chancelarias. O resultado: a Europa se encontra em uma contradição insuportável: uma democracia governada por uma tecnocracia.

Dizem-nos que a Europa personifica a democracia. Na realidade, a Europa é governada como uma corporação multinacional — e Ursula von der Leyen é sua CEO.

MELONI, O ANTIMODELO ITALIANO

Agora, compare Ursula com Giorgia Meloni. Duas mulheres. Dois estilos. Duas estratégias.

Ursula aguarda sua reunião na Casa Branca. Ela interpreta as palavras de Trump como um elogio envenenado. Ela personifica uma Europa coletiva, mas sem legitimidade.

Meloni, por outro lado, faz as coisas de forma diferente. Ela pega um avião para a Flórida. Ela vai para Mar-a-Lago. Ela se encontra com Trump pessoalmente, fora do protocolo europeu. Ela fala sobre segurança, contratos, influência. Ela lida diretamente, como uma chefe de governo cumprindo seu papel nacional.

É aqui que a divisão aparece. Ursula é a Europa institucional. Meloni é a Europa das nações. Uma representa Bruxelas, a outra, Roma.

Para Washington, é perfeito. Quanto mais dividida a Europa, mais os Estados Unidos mantêm o controle. De um lado, um bloco tecnocrático politicamente fraco, mas com poder regulatório. Do outro, Estados dispostos a contornar Bruxelas para garantir acordos bilaterais.

E Meloni sabe muito bem o que está fazendo. Ela quer mostrar que a Itália não está condenada a ser espectadora em uma Europa dominada pela Alemanha e pela Comissão. Ela está jogando sua carta nacional. E, ao mesmo tempo, ela se torna — consciente ou inconscientemente — a aliada ideal de Trump para fragmentar o bloco europeu.

A primeira-ministra italiana não está em Washington para recitar comunicados de Bruxelas. Ela está lá para assinar contratos. E Trump adora isso.

TRUMP, MESTRE DO EQUILÍBRIO DE PODER

Donald Trump conhece as fraquezas da Europa. Ele sabe que Macron sonha com grandeza, que Berlim hesita, que Bruxelas carece de legitimidade popular. Então, ele faz o que sabe fazer de melhor: expõe as contradições, divide a sala e impõe sua própria narrativa.

Com Ursula, ele mostra ao mundo que a Europa é tecnocrática. Com Meloni, ele lembra ao mundo que os Estados-nação não desapareceram. O resultado: duas Europas, duas lógicas, mas um único árbitro: os Estados Unidos.

E para Putin? É um sinal claro. A Europa não é um bloco. É um quebra-cabeça frágil, atravessado por fraturas. Washington joga com essas divisões, e Moscou as observa com interesse.

O paradoxo é brutal. A Europa gosta de se apresentar como uma potência global. Mas, na realidade, é dependente. Ursula personifica essa dependência institucional. Meloni personifica a tentação nacional. E Trump orquestra a cena.

Esta é a Europa em 2025: uma burocracia que se considera uma superpotência e nações alinhando-se em frente ao gabinete de Trump.

* * *

Então, cavalo de Troia ou estrategista habilidosa? Giorgia Meloni é, sem dúvida, ambos. Ela serve aos interesses italianos, mas, ao mesmo tempo, enfraquece a unidade europeia e fortalece Washington. Ursula, por sua vez, consolida o poder de Bruxelas, mas ao custo de uma legitimidade contestada.

E Trump, por sua vez, só precisa estender os braços: ele acolhe duas Europas, brinca com suas contradições e lembra ao mundo que é sempre a Casa Branca que dita o ritmo.

A Europa quer ser uma atriz. Trump a reduziu a um cenário. E Ursula e Meloni? Duas personagens em uma peça dirigida por Donald J. Trump.

Publicado no Le Diplomate.Media.

***Angélique Bouchard** é formada pela La Rochelle Business School (Excelia) – Bacharelado em Comunicação e Estratégias Digitais, e pelo CELSA (Universidade Sorbonne). Possui mestrado em pesquisa, com especialização em Geopolítica da Mídia. Ela é jornalista freelancer e trabalha para diversos veículos de comunicação.*